

Almada. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho Junior.

Fica esta villa fronteira á cidade de Lisboa na outra margem do Tejo.

São duas irmãs apartadas que folgam de se estar vendo, assentadas no alto uma e outra, e ambas namoradas dos navios que vêm de todo o mundo, rio acima, lançar ferro por entre ellas.

Lisboa, a morgada, não tem mais escondida em sombra e fabulas a sua origem, do que Almada a sua.

Sôa porém, e se crê, haver esta sido fundada pelos inglezes de Guilherme de Longa-espada, de quem D. Affonso Henriques se ajudou no arrancar Lisboa aos mouros; e que o nome de Almada lhe ficára por corrupção de Vimadel, que na linguagem de então significava povoado grande; nome que da terra se pegou a um nobre seu morador, de quem descende, ao que rezam genealogicos, a esclarecida familia dos Almadas; ainda que outros querem que Almada se appellidasse o sitio, por ser esse, ou com esse parecido, o nome de um arabe (Almades ou Almadão) que alli dominava.

Conjectura-se todavia que a primeira fundação do logar fôra muito mais antiga, existindo já elle em tempo dos romanos com a denominação de Cætobrix ou Cætrobrica.

Em nossos dias, na guerra civil em que se pleitearam e sentenciaram a final os direitos da dynastia, representou Almada e Cacilhas, que sob dois nomes são uma e a mesma povoação, um papel, que a historia, seja quem for que a escrever, ha de sempre qualificar por guapamente heroico: d'alli arrancou vôo de aguia sobre Lisboa o duque da Terceira, coroando-se com a mais brilhante fortuna a temeridade mais inaudita.

Ares puros, aguas doces e salubres, abundancia de todo o necessario, prospectos infindos de terras e mar, tornam Almada sitio mui cubiçado para saude e para regalo; é para as calmas do verão um suplemento de Cintra, se o póde haver, e com duas vantagens: a da economia, e a da facil e continuada communicação com Lisboa, por via dos vapores que sem descanço vão e vêm.

Possue tambem sua gloria litteraria: alli nasceu, viveu, se finou, e jaz sepultado o nosso poeta latino Diogo de Paiva de Andrade.

NOVOS PARABENS Á INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Segunda feira 4 do corrente, ao meio dia, recebeu o Senhor D. Pedro V a commissão da Associação Promotora da Educação Popular, que ia agradecer a Sua Magestade a honrosa e utilissima visita por Suas Magestades feita á escola da rua do Sol, e de que no precedente numero démos noticia.

Sua Magestade confirmou, com a sua costumada affabilidade, o que da primeira vez havia testimunhado e expresso de sympathia e approvação ao ensino elementar, assim executado com suavidade e lucidez.

A reforma das escolas, sem temeridade se póde

pois annunciar que não tardará. O homem que mais podia contribuir para ella, e um dos mais profundos pensadores, dos mais instruidos, e dos mais animados do desejo de ver em tudo prosperrimo este paiz, chegou, viu, e a civilisação em fim venceu.

JOSÉ FERREIRA BORGES.

II.

Proclamada em Lisboa a revolução na noite de 15 de setembro, e successivamente concertadas as transacções entre o governo interino que então se estabeleceu, e a junta suprema do Porto, esta entrou na capital em o 1.º de outubro. Procedendo-se então a compor de modo definitivo a junta provisoria, que devia reger o paiz até á proxima reunião das cortes, ficou Manoel Fernandes Thomaz encarregado dos negocios do reino e fazenda, tendo por seus ajudantes José Ferreira Borges, e José da Silva Carvalho.

Congregadas as cortes constituintes em 26 de janeiro de 1821, e completo assim o pensamento da revolução de 24 de agosto, n'ellas tomou assento José Ferreira Borges como deputado eleito pela provincia do Minho; sendo logo um dos secretarios votados para servirem no primeiro mez, bem como continuou a ser para o mesmo cargo reeleito nos mezes seguintes. Foi egualmente nomeado membro de diversas commissões, e entre ellas da do commercio. Fez importantes propostas, e distinguiu-se nas questões de maior momento, e mais agitadas, que n'aquella assemblea se trataram. Na discussão da constituição votou sempre no sentido mais amplamente liberal, isto é, para uma só camara legislativa, contra o voto absoluto, a favor do conselho d'estado proposto pelas côrtes, e para que deixassem de ser cidadãos portuguezes e tivessem de sair do reino os que recusassem jurar as bases da constituição. Estas e outras opiniões foram n'elle depois notavelmente modificadas com o volver dos tempos.

A sua carreira como legislador foi na realidade brilhante (haja vista aos *Diarios das Cortes* d'aquelle tempo), discorrendo sempre nos assumptos em que entrava com conhecimento de causa, gravidade e eloquencia. Incommodos repetidos, que começou a padecer na saude, o impossibilitaram por vezes de ser assiduo, privando-o egualmente de tomar parte em alguns debates com a efficacia e proficiencia que lhe asseguravam os seus conhecimentos e recursos intellectuaes.

Terminou sua missão o congresso constituinte em 4 de novembro de 1822. Tratando-se em seguida da eleição para as cortes ordinarias do anno immediato, Jose Ferreira Borges não foi reeleito; ficando por isso logar a que as mesmas cortes, depois de reunidas, o incluissem na lista triplice das propostas a el-rei para comporem o conselho d'estado. Foi elle um dos escolhidos pelo soberano, como consta do decreto de nomeação, passado com data de 6 de março de 1823.

Em epocha tormentosa, e de ruim agouro para a causa constitucional, entravam os novos conselheiros no exercicio de suas funcções. A guerra civil, que lavrava na Hespanha, a esse tempo invadida pelo exercito francez, commandado pelo duque de Angouleme, já se communicára a Portugal, onde o conde de Amarante levantára a 22 de fevereiro em Traz-os-Montes a bandeira reaccionaria. Dividida a nação interiormente em partidos, e ameaçada da intervenção externa das grandes potencias europeas, que se tinham entre si compromettido a suffocar quanto antes na peninsula o movimento revolucionario, empenhadas em tirarem da vista a seus proprios subditos um exemplo contagioso, que não deixaria de servir-lhes de incentivo para imitação, o desfecho d'esta crise era inevitavel; e as instituições liberaes deviam succumbir infallivelmente na lucta, perante os poderosos, e por então invenciveis elementos conjurados em sua ruina. Circunstancias cuja exposição nos desviaria do proposito d'estas memorias, apressaram comtudo esse desfecho mais do que poderia esperar-se. Na noite de 29 para 30 de maio, o infante D. Miguel, á frente de uns tres mil homens, saiu da capital com direcção a Santarem. El-rei, depois de resistir verdadeira ou apparentemente por algumas horas, saiu em fim com o resto da tropa no dia 31, e parou em Villa Franca; e d'ahi proclamou aos povos, restabelecendo o governo absoluto, sob a promessa contemporisadora de uma carta, que depois recusou.

Ferreira Borges, julgando então arriscada a sua segurança, achou que devia ausentar-se do reino, e demandar em Inglaterra o mesmo asylo, que outros seus companheiros, como elle compromettidos na causa decaida, se apressavam egualmente a procurar. Embarcou-se pois no paquete Malborough, tendo antes escripto ao rei, em data do 1.º de junho, uma carta que foi impressa no *Diario do Governo*, concebida em phrases significativas e abonatorias de sua honradez, e firmeza de caracter.

Salvo do turbilhão politico em que iam ser envolvidos os destinos da patria, o nosso compatriota caminhou para o exilio, levando por premio de seus riscos, fadigas e dedicação pela causa do povo, a plena e amarga experiencia do modo como esse povo costuma haver-se para com seus servidores, apedrejando hoje os mesmos para quem hontem decretára a apotheose.

Não o desamparava comtudo a esperança de ver alvorecer no futuro dias mais bonançosos; e para elles tratou de preparar-se aproveitando no estudo os de ocio forçado a que as circunstancias o condemnavam, e os copiosos recursos que lhe offereciam as bibliothecas e estabelecimentos litterarios da grande capital, onde fôra refugiar-se. Tinha elle muito a peito a coordenação de um codigo commercial portuguez, de que havia sido publica e verbalmente incumbido pelo congresso constituinte na sessão de 6 de julho de 1821 (vej. o *Diario das Cortes* pag. 1460); e talvez mais dominado da idéa gloriosa de tornar-se autor de obra tão necessaria e desejada, que instigado pela promessa, então irrealisavel, dos oito contos de réis decretados pelas cortes, como remuneração d'aquelle, cujo trabalho merecesse plena approvação, dedicou-se inteiramente a esta penosa tarefa. E como para adiantal-a carecia de manusear diversissimos tratados de jurisprudencia, ia ao mesmo tempo colligindo materiaes de grande importancia, concernentes á legislação, e applicaveis a Portugal, com innegavel utilidade publica de um paiz, onde estas especies eram ainda mui pouco cultivadas, senão de todo desconhecidas.

Foi assim que, no periodo de pouco mais de tres annos que durou a emigração terminada pela amnistia que se seguiu á outorga e juramento da Carta Constitucional, Ferreira Borges publicou em Londres as suas *Instituições de Direito cambial Portuguez*, as *Dissertações juridicas sobre os art.* 126 *e* 145 § 17 *da Carta*, obra de muita erudição e fino tacto, e nos intervallos as 63 cartas, que formam o periodico *Correio interceptado*, no qual, em estilo critico e jocoso, analysou os actos mais notaveis do governo portuguez durante o mencionado periodo.

III.

Abertas as portas da patria aos emigrados, apresentou-se em Lisboa em fevereiro de 1827, alheio por

então a toda e qualquer pretenção de cargos publicos, e com a idéa unica de proseguir na carreira do foro, tal como a já exercêra no Porto, vindo agora para o seu desempenho muito mais habilitado, com os conhecimentos e pratica adquiridos na capital britannica. Pouco tempo gozou porém de descanço, porque a chegada do infante e successos subsequentes de 1828, o fizeram occultar para logo ás perseguições, que justamente receava. Mas concebendo que um governo assim instaurado sobre os auspicios do perjurio, obrigado, para sustentar-se, a recorrer incessantemente a tyrannias e vexações de toda a especie, que deviam de necessidade alienar-lhe as sympathias e apoio das numerosissimas classes que participavam de idéas reformadoras, e pugnavam pelo estabelecimento do systema representativo, não poderia resistir por longo tempo aos elementos conjurados em sua ruina, Ferreira Borges preferiu, ao emigrar novamente para Inglaterra, refugiar-se em junho do dito anno a bordo da fragata franceza Thetys, surta no Tejo. Recordou-se de que já outra vez fôra o motor principal do feito destinado a regenerar a nação; e eis que do seu asylo começa a dispor uma reacção contra a desordenada marcha que levavam os negocios publicos. Por motivo da saída do navio em que se asylava, teve de passar successivamente para outros, d'onde continuou a dirigir e fomentar o plano que, prestes a realisar-se, ficou sem remedio mallogrado pelo fatal desfecho da noite de 9 de janeiro de 1829.

Não tendo mais que esperar no Tejo, onde as circunstancias tornavam por aquelle tempo impossivel qualquer outra tentativa, determinou-se a buscar de novo as praias hospitaleiras do Tamisa, e para ahi partiu, segundo se affirma, no 1.º de fevereiro seguinte. A generosa liberalidade de um bom irmão soube adoçar-lhe o infortunio, facilitando-lhe recursos com que manter-se em Londres, e poder desassombradamente entregar-se á sua paixão pelo estudo, e á coordenação dos seus diversos escriptos.

Foi assim que, durante os quatro annos e meio da sua permanencia n'aquella cidade, appareceram successivamente a *Jurisprudencia do contrato mercantil*; a *Synopsis juridica do contrato de cambio maritimo;* e o *Commentario sobre a legislação portugueza ácerca de avarias*, impressos todos em Londres em 1830; e no anno seguinte os *Principios de Syntelologia;* as *Instituições de Medicina forense*, dedicadas ao duque de Bragança, e impressas em Paris em 1832; isto afóra muitos e variados opusculos, provocados pela serie dos successos e occurrencias politicas da epocha, cuja enumeração, por extensa e minuciosa, reservo para logar mais adequado. Ahi compoz tambem, ou puliu com a ultima lima outras obras, que só vieram a imprimir-se depois em Portugal, e algumas posthumas, taes como: as *Instituições de economia politica*, o *Diccionario juridico commercial*, os *Commentarios sobre a legislação em materia de seguros*, a *Psycologia forense*, etc. etc.

(Continúa.)

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

PROBLEMA.

1 — Sabe-se pela historia, que a somma das edades dos tres primeiros reis da memoraval dynastia de Aviz, é de 172 annos. Contando por lustros: á edade de D. João I, resta um anno; á de D. Duarte, restam dois; e á de D. Affonso V, restam quatro. O numero de lustros do primeiro é egual a cinco vezes a sexta parte da somma dos lustros da segunda e terceira; e além d'isto a edade do primeiro é egual á differença entre onze vezes a da segunda, e nove vezes a do primeiro. Pretende-se saber qual foi a edade de cada um.

SUZANNA NO BANHO.

(fragmento).

mais quel œil peut la voir
Sans pétiller d'amour, de jeunesse, d'espoir?
ANDRÉ CHÉNIER — Suzanne —

Em meio de seu curso o astro rei do dia
Inundava de luz de Babylonia os ares;
Do Euphrates a florinha a esmorecer pendia,
Roçando a fronte n'agua á sombra dos pomares.

Do calor estival procura abrigo a ave
Sob a coma gentil dos cedros de Idumeia,
E alli, cantando amor em tonilho suave,
Namora o brilho argenteo á sinuosa veia.

Verde palmeira, esvelta, oriunda do deserto,
Desdobra a fresca sombra em arenosa plaga,
Como um seio materno, a palpitar incerto,
Se abre ao filho que chora, ao filho que elle affaga.

Em corcóvos galgando a multicôr serpente,
O impavido leão, o tigre traiçoeiro,
A aguia altiva, a pomba, a rolinha plangente,
Procuram fonte amiga ou bosque hospitaleiro.

Suzanna em seu jardim, çucena entre çucenas,
Escuta da ave terna as queixas tão singelas,
E vendo junto ao rio um ramo de verbenas
A florir e a viçar, quiz reflorir como ellas.

A tunica de seda, avara dos encantos
Que occulta, e que resguarda, é desprendida a custo.
Suzanna, livre d'ella, inspira á ave cantos,
Faz ondular a vaga e florescer o arbusto.

O pé alabastrino aparta a onda mansa,
Que de aljofres o asperge e murmurando o oscula;
O cysne embeveceu-se, abre as azas, descança,
E o peixe doidejante á flor das aguas pula.

Suzanna rasga os véos á limpida corrente,
E mostra o rosto só como flor que fluctua,
Ou como em ceo de abril, azul e transparente,
Para a terra a surrir formosa e meiga lua.

Em tôrno de Suzanna a brisa perfumada
Sussurra em tibia voz mysteriosa endeixa,
E, depois de incensar-lhe a fronte alvi-rosada,
De perolas lhe exorna a lubrica madeixa.

N'um mergulho s'esconde e surge graciosa
Com a mão afastando as ondas palpitantes;
Tal surge do casulo a crysalida airosa,
Batendo a custo o ar co'as azas cambiantes.

Suzanna olha em redor, que o pejo assim lh'o ordena,
E ninguem tendo visto, a sair se prepara;
Cruza os braços no collo, ergue a fronte serena,
Rompe o fluido cristal com gentileza rara.

Pressurosa se veste e repousa sómente
Quando o pudor lhe diz, que a póde ver o dia;
Sobre rosas se encosta e contempla a corrente,
Similhando em seu ar a deusa da poesia.

Lisboa 1856.

LOBATO PIRES.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

IV.

O MATRIMONIO.

V.

Não basta que os casados se amem; é preciso que se estimem.

Esta idéa parecerá redundante, porém está mui longe de sêl-o.

O amor não depende da estima; mas em muitas occasiões a estima depende do amor.

O amor em os nescios, se é que os nescios podem amar, origina com frequencia os zelos; a estima em nescios e em discretos produz a confiança.

E a confiança, já o temos dito, é a magnifica base em que descança o verdadeiro amor.

Para que a confiança exista, é indispensavel que se achem empenhados a cabeça e o coração: qualquer d'estes dois elementos que predomine, póde occasionar conflictos mui fataes.

Os ciumes nos amantes são uma fraqueza; os ciumes nos casados são um tormento.

Um marido zeloso apparece aos olhos do mundo como o ser mais ridiculo da terra.

E, além d'isso, como o ente mais desgraçado.

Desgraça é, com effeito, achar sempre mais do que se busca; desgraça é padecer e fazer padecer ao mesmo tempo; desgraça é luctar com dois olhos, pois não têm mais os ciumes, contra cem que tem o amor.

Em conclusão, os ciumes são temor que o homem tem de que a sua companheira empregue para com outro a benevolencia que elle deseja e sollicita talvez de outras mulheres casadas.

A benevolencia alheia, que elle sollicita, parece-lhe justa e natural; a benevolencia de casa, que elle vigia, parece-lhe criminosa e horrenda.

Para justiça — os homens!

E não se diga que a honra da mulher é mais vidrenta, mais fraca, mais escorregadia do que a do homem.

É esse um subterfugio que nós inventámos para nos absolvermos com uma das mãos, e castigar com a outra as mulheres.

Intendido está: como fizemos as leis, e em materias de honra inventâmos sempre as modas, não é muito que hajamos disposto as cousas d'essa sorte.

A razão e o bom senso não prescrevem por fortuna.

E a razão e o bom senso dizem que a honra não tem sexo.

O juramento de fidelidade, que se presta nos altares, não o toma o homem á mulher; a elle e a ella o toma Deus juntamente.

As infracções do homem, do sexo forte e illustrado, são, quando muito, despropositos: as infracções da mulher, do sexo fraco e inexperto, são pelo menos delictos.

Isto é: a honra dos conjuges reconcentra-se só no marido para tudo o que não seja perder a propria.

É mui original a jurisprudencia hespanhola pratica n'este ponto.

Um marido julga-se deshonrado pelo minimo deslize de sua mulher; porém, note-se que a parte de honra que perde não é sua; pertence á honra de sua mulher, que elle tem como em deposito.

As fragilidades do homem casado não o deshonram: assim está escripto no codigo da honra. Este codigo não foi feito por solteiros.

A mulher perdoa as infidelidades; porém não as esquece. O homem esquece as infidelidades; porém não as perdoa.

O caminho da infidelidade conduz de ordinario ao ultimo do aborrecimento.

Os esposos que não se amam, aborrecem-se.

Um matrimonio que se aborrece é a imagem mais aproximada do inferno.

O remedio heroico da separação, digno recurso da sociedade actual, imprime d'uma vez o sêllo da mutua desventura.

Os esposos que se separam são, no conceito de Francklin, como duas folhas soltas d'uma thesoura, que para nada servem, que nenhuma applicação podem ter.

Desgregando-se dois corações bem unidos, succede com frequencia que não se separam, senão que se desgarram.

O matrimonio de tal maneira identifica as condições, que, similhante á força da gravidade que existe no corpo physico, e em cada uma das suas moleculas, apodera-se dos individuos, e, unidos ou separados, acompanha-os até além da campa.

É insignificantissima cousa o homem para separar os que Deus uniu.

O homem que desampara uma mulher digna é um monstro; a mulher que desampara um homem com quem *a casaram*, ou de quem recebe graves offensas, é uma mulher.

A mulher desamparada injustamente quizera mudar em odio o seu amor; mas não póde.

Querer deslembrar-se d'uma pessoa é amal-a mais. Nada ha mais bello do que recordar o que esquece.

A melancholia, que é o veneno lento do espirito, é veneno tão doce, que vivifica matando.

A inconstancia e o carinho, segundo a sentença d'um philosopho, são incompativeis. Marido que muda, não muda realmente: acaba de amar, ou começa a amar.

Este accidente é frequentissimo nos matrimonios que só faz o coração: n'aquelles em que o homem busca a sua companheira com os olhos e não com os ouvidos.

Pythagoras aconselha ás mulheres que usem das suas graças com tal tino, que sempre tenham uma por descobrir.

Não podia escrever-se sarcasmo mais pungente contra a constancia dos homens.

E todavia, os homens temos direito de fallar ácerca da honra das mulheres. E a sociedade dá-nos até o direito de declaral-as indignas do nosso nome e da nossa companhia.

Uma mulher virtuosa desamparada é um livro d'onde podem tirar-se considerações mui profundas, e documentos de inapreciavel valor.

N'esse livro achâmos consignada esta verdade:

« O homem quasi sempre é injusto. »

N'esse mesmo livro encontrarão outros consignada esta verdade:

« A mulher é quasi sempre incorrigivel. »

Porém, a esta ultima verdade póde acrescentar-se o corollario:

« Graças aos exemplos que recebe. »

VI.

Resumo.

O matrimonio é o acto mais trascendental da vida, e por conseguinte o que menos se medita.

O amor illustrado é a unica porta que dá passagem ao matrimonio.

O amor interessado não é amor: os matrimonios que origina, menos são matrimonios, que *negocios*.

Até no fructo d'essas uniões parece estar pintada a ruindade e miseria da sua origem. É observação de um sabio: quasi todos os filhos do calculo são rachiticos e escrofulosos.

De cada dez matrimonios em que chega a estabelecer-se a harmonia feliz que constitue o encanto da vida, nove devem este resultado á *casualidade*. Esses dez que descrevemos suppõem noventa que não são tão afortunados.

É um erro *buscarmos* a mulher que ha de ser nossa: esta deve *encontrar-se*.

O orgulho do amor é uma das poucas especies de nobre orgulho que existem na terra.

Esse orgulho é o maior obstaculo contra os ciumes.

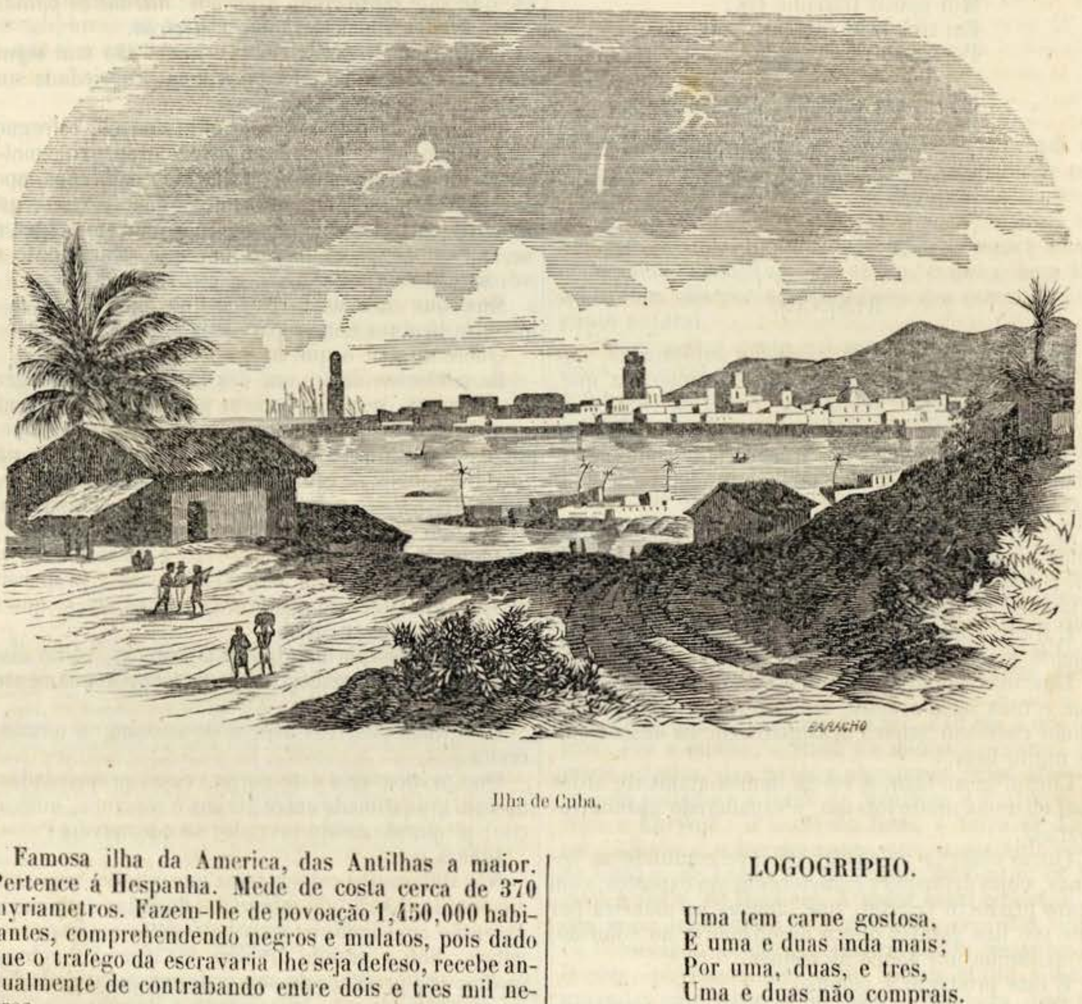
Os ciumes da mulher procedem ordinariamente do despeito: os do homem são filhos do egoismo.

A infidelidade que se disfarça com as caricias, é perfidia; suppõe malicia entranhada; declara que se perverteram a cabeça e o coração.

O divorcio é o recurso heroico das almas pequenas.

(Continúa).

BRITO ARANHA.



Ilha de Cuba.

Famosa ilha da America, das Antilhas a maior. Pertence á Hespanha. Mede de costa cerca de 370 myriametros. Fazem-lhe de povoação 1,450,000 habitantes, comprehendendo negros e mulatos, pois dado que o trafego da escravaria lhe seja defeso, recebe annualmente de contrabando entre dois e tres mil negros.

Os ares são quentes, e o terreno, ainda que pouco abundante de aguas, fertilissimo.

Dá em grande copia tabaco affamado, e pago por bom preço em todo o mundo, assucar, café, anil, algodão, além de outros generos; é mais lavradora que industrial.

Foi descoberta por Colombo em 1492; em 1501 entrou para lá uma colonia hespanhola; em 1511 foi já toda senhoreada por Velasques. Dos aborigenes já em 1560 não havia rasto. Tem sido aquella boa terra chrismada e rechrismada quantia de vezes, desde o nome de Cuba, que já tinha quando a descobriram, até ao de Cuba com que outra vez em nossos dias se appellida, pois se chamou a revezes Juanna, Fernandina, Santiago, Ave-Maria.

LOGOGRIPHO.

Uma tem carne gostosa,
E uma e duas inda mais;
Por uma, duas, e tres,
Uma e duas não comprais.

A segunda impõe silencio,
Mostra a quarta admiração;
Aquelle que faz a quinta,
Faz o mesmo que os que dão.

Bem que não é papagaio,
Uma e uma off'rece o pé;
Tres e tres em Manoel
Grande bestunto não é.

Cousa boa melhor sabe
Com a quinta duplicada;
Na gente, uma uma e cinco,
É doença, e nos bois, nada.

Co'a primeira e co'a segunda
Um dois e cinco se dá;
Na terceira co'a primeira
Guardado bom vinho está.

Duas e tres são de um jogo,
Quinta e segunda da carta;
Quarta e segunda das côrtes,
Uma e cinco não te farta.

Duas e uma, cobre um vaso,
Tres e duas um guerreiro;
Duas uma e cinco off'recem
Caça abundante ao monteiro.

Arvore tres uma e cinco,
É delicia no verão;
Uma e tres gostoso bicho
Do brasilico sertão.

Mulher quatro dois e cinco
Mui pouco trabalho faz;
Em tres com segunda e quinta
Por certo não caçarás.

Quem um dois tres e mais quatro
Faz um dois tres quatro e cinco,
Faz como eu que sobre nada
Meus quarenta versos finco.

RESINAS.

Entre as muitas e mui variadas substancias, que as plantas criam no seu interior, ha umas, a que, tanto na linguagem scientifica, como na vulgar, se dá o nome de resinas, e que, ou gotejam, á maneira de lagrimas, das fendas dos troncos, ou d'estes se extrahem perfurando-os ou ferindo-os com qualquer instrumento cortante.

São as resinas de côres variadas; ora amarellas, como a casca do limão; ora vermelhas, como o sangue; umas vezes pardas; outras vezes quasi negras, e tambem verdoengas e brilhantes.

É fragrante o seu cheiro, e amargoso e um tanto quente o seu sabor.

Lançadas em agua não desapparecem; no alcool, que é uma agua-ardente muito forte, e em outro liquido chamado ether, desapparecem ou dissolvem-se muito bem.

Chegal-as ao fogo, é vel-as immediatamente arder com chamma muito intensa, e espalhando grande fumarada.

Quem observa as cousas de leve confunde as resinas, cujos principaes caracteres ficam expostos, com outro producto vegetal, que, apenas na maneira por que sáe das plantas que o produzem, e no colorido, se assimilha um pouco ás resinas.

É este producto a gomma.

Tel-a-hão todos visto nos troncos das cerejeiras, dos pecegueiros, dos damasqueiros, oliveiras, etc.

É a gomma um producto solido, translucido, de côres variadas, desde o amarello dourado até ao vermelho castanho. Não tem cheiro nem sabor.

Em agua desfaz-se bem, quando é de melhor qualidade, assim como se desfaz na saliva. Não ha porém dissolvel-a no alcool ou no ether.

Exposta á acção directa do fogo, incha e reduz-se a carvão, espalhando algum fumo.

Tanto as resinas como as gommas tem muitos usos nas artes. Deixemol-os porém todos em silencio para nos determos com a historia de uma resina mui notavel. Encontra-se em differentes partes de Inglaterra, Allemanha e França, e principalmente na Prussia nas margens do Baltico, desde Comel até Dantzick, misturada com liguita e calháos rolados, uma substancia amarellada ou vermelha, e ás vezes pardacenta, transparente ou opáca, quebradiça, mas não friavel, sem sabor nem cheiro, quando está fria, mas exhallando aroma suave quando se conserva n'um frasco tapado, ou quando se esfrega ou reduz a pó.

A agua não dissolve nem uma parcella d'aquella substancia; o alcool e o ether pouco lhe roubam. Se se aproxima da luz de uma vela, incha, arde, espalha bastante cheiro, mas não se derrete.

Pegados á superficie dos fragmentos d'esta resina, e tambem no seu interior, acham-se flores, insectos, e pedacinhos de differentes orgãos de plantas.

São tres, principalmente, os nomes por que esta substancia é conhecida. *Ambar amarello, succino*, e *karabé*.

O nome ambar vem-lhe do latim *ambarum*, derivado da palavra arabe *ambort*. Karabé é termo persa, que vale tanto como dizermos: *attrahe as palhas*.

Os gregos appellidaram-n'a *electron*.

Tanto o nome persa como o grego são mui significativos, porque se referem a uma propriedade singular do corpo que significam.

Tomemos na mão um pedaço de succino, esfreguemol-o bem sobre um panno de lã, e aproximemol-o de pequenos corpos leves, taes como palhinhas, aparasinhas de papel, ou barbas de penna. Teremos que aquelles corpos immediatamente se movem, erguem-se, e vem pegar-se ao succino, que, claramente se vê, os attrahiu.

Mas, que ha n'esta resina, que assim obrigue a materia bruta a correr para ella?

Quereis saber o que ha?

Ha a electricidade, um dos mais poderosos agentes physicos de que o homem póde dispor; o agente que decompõe quasi todos, senão todos os compostos; que opéra a combinação de materias, que, a não ser elle, jámais se combinariam; que anniquila, pela sua extrema velocidade, as distancias maiores que se possam imaginar; e que, finalmente, produz o phenomeno magestoso do trovão e do raio. Foi esfregando o electron, e attendendo para a propriedade que elle tinha de attrahir os corpos leves, que se descobriu a electricidade.

Quantos descobrimentos se fariam, se, como disse Lavoisier, soubessemos perguntar opportunamente: Porque?

Mais duas palavras ácerca do succino, e terminaremos.

Que arvore cria este corpo, cujas propriedades o fizeram tão estimado entre gregos e romanos, que com elle, primorosamente lavrado, se adornavam?

Ignora-se.

Nos differentes cataclysmos que a terra tem experimentado, hão ficado soterradas florestas de immensa extensão com todos os seus habitantes animaes e vegetaes. Sob a grande pressão das camadas sobrejacentes, e na presença de uma pequena quantidade d'ar, foi-se operando mui lentamente a decomposição dos tecidos organicos dos entes alli existentes, e das materias n'elles contidas, ficando estas e aquelles, ou completamente transformados, ou alterados em parte.

O succino é pois o resultado da alteração parcial de uma resina gerada em uma arvore, que, servindo-me da bonita expressão de um distincto geologo, pertenceu a um mundo que já não existe.

SOUSA TELLES, JUNIOR.

O ORACULO SYBILLINO.

Se quereis maravilhar devéras a todas as pessoas de uma sociedade, que não tiverem lido o *Manual do feiticeiro*, nem este jornal, preparae uma caixa

com sua tampa de ferro de tirar e pôr; escrevei em diversos oitavos de papel com tinta ordinaria perguntas diversas bastante geraes, e que por isso possam convir e interessar a todos ou a muitos; no papel de cada pergunta escrevei por baixo d'ella a resposta que vos aprouver, mas esta com sumo de limão ou de cebola, ou uma solução de nitro-muriato de ouro. Dizei a qualquer dos espectadores, que tome a pergunta que desejar; recolhei-a á caixa, e sobreponde-lhe a tampa, que para esse fim havereis aquecido muito bem ao lume. Quando o papel estiver quente, sacae-o e mostrae-o; a resposta que estava invisivel apparece clara, e tal se conserva em quanto o calor se não esvaece, pelo que a experiencia se póde muitas vezes repetir.

A caixa para maior maravilha póde ser de algum feitio phantastico, de côres espantadas e com seus jerogliphicos ou signaes cabalisticos cerebrinos. Esta é que é a caverna da Sybilla.

ANECDOTA VERDADEIRA.

Quinta feira ultima, de noite, vinham pela rua Formosa tres academicos saidos da sua sessão; um d'elles, o sr. M. L., que vinha conversando, e fumando no seu charuto, foi detido por um cidadãosinho de seus doze annos, quando muito (segundo as mostras) o qual lhe pediu emprestado o seu lume; o sr. M., não tendo ouvido bem, perguntou-lhe que era o que desejava.

— O seu lume, se faz favor, lhe respondeu o janota em herva, para accender o meu charuto.

— Ah! pois não meu senhor! aqui tem, lhe respondeu com toda a amabilidade o nosso amigo, cuidei que me pedia a benção.

O menino voltou costas, e mesmo sem ter accendido foi fumando.

ADVERTENCIA.

Ninguem resiste ao encantamento que exerce o nome de Italia: Italia é a poesia e as artes; é a amenidade da terra e o esplendor do ceo; é a visão successiva de todas as glorias: das armas, do patriotismo, das virtudes republicanas, do imperio, da dominação universal, do fausto, dos vicios sem medida, das prosperidades sem exemplo, dos desastres e miserias eguaes ás prosperidades, e de segundo predominio no orbe pela religião, depois do primeiro pelo ferro. A Italia interessa por egual ao archeologo e antiquario, ao linguista, ao historiador, ao politico, ao jurisconsulto, ao moralista, ao guerreiro, ao devoto, ao esculptor, ao pintor, ao architecto, ao poeta. Toda a Europa, todo o mundo a sabem de cór, a visitam, a amam e a deploram. O que dizia um seu filho voltando a ella como que o sentimos todos nós, quasi filialmente, quando o seu harmonioso nome nos acorda na alma um universo de saudades:

«Cara Italia, amate sponde,
Pur vi torno a riveder.
Trema in seno e si confonde
L'alma oppressa dal piacer.»

Nunca porém a sympathia para com a Italia foi mais viva que n'esta hora, em que a admirâmos, cadaver que resurgiu vestido de ferro, a braços com um gigante, dos que ella ao sair da infancia, derrubava brincando como o seu Hercules; tremenda lucta, e mais tremenda pela cerração que pesa em derredor. Uma espantosa ruina está já certa; uma descommunal victoria deve já estar impendente; ¿mas para onde apontarão as suas palmas? ¿Para a barbaria? para a civilisação? para a tyrannia? para a independencia? para o despotismo? para a liberdade? Jano está diante do seu templo, aberto de par em par; para onde olha elle com mais amor? E' ao passado, é ao futuro, que o presente está fazendo tão medonha hecatomba de si mesmo? Tem ainda a nossa velha mãe Italia que expiar serva os seus antigos peccados de usurpadora? ou purificou-a já o infortunio para se assentar nação bemvinda, ao banquete das nações? Aguardemos algumas horas mais. A sybilla está escrevendo as suas folhas no fundo da caverna. Se é a liberdade que ella prophetisa, *plena Deo,* não tardará que a terra das ruinas devastadas refloresça como nos seus dias de esplendor.

Attentemos ao espectaculo enorme. Nunca na arena de Roma se viram a braços fera mais horrenda com athleta mais heroico. Aguardemos. Volcões mais profundos e rumorosos nunca rojaram fogo e devoraram cidades n'aquelle solo convulso e enoitecido. Aguardemos com esperança. A terra que foi de Saturno foi tambem de Ops e Rhea, e é a terra de Christo, é a terra do Deus do amor e do progresso. O loireiro de Virgilio que reverdeça: não lhe ha de faltar a quem corôe. A desterrada sombra do cantor das Metamorphoses que se prepare para vir inspirar a novos romanos transformações mais estupendas. Os trovões da artilheria que vão acordar um novo Tasso para glorificar as armas piedosas e o capitão que liberta o grande sepulchro convertido em berço d'uma grande nacionalidade.

Nós, entretanto, para respirarmos, por alguns momentos, da oppressão que assoberba a todos os espectadores d'este supremo drama, viajemos um pouco em espirito com Mery, o italiano-francez, por essas regiões, tão serenas á superficie ainda ha dois dias, e d'onde agora searas, bosques, cidades, tudo desappareca em turbilhões de fogo e ferro; em quanto se nos não restitue em realidade a nossa Italia, repovoada de portentos pelo genio de seus filhos, visitemol-a, perigrinemol-a qual era, guiados pelo mais espirituoso, pelo mais amavel dos seus cicerones.

As *Noites italianas*, cuja traducção esboçâmos, reunem toda a especie de interesses: o descriptivo mais pittoresco, o enthusiasmo do bello, o discernimento na escolha, a ligeireza, o sal e o picante. Não se lê: viaja-se com o autor, viaja-se com um bom companheiro, eloquente, instruido e folgasão.

AS NOITES ITALIANAS

DE MERY.

—

ITALIA.

I

Genova.

De Marselha a Napoles discorre o *Sully* com escala por tres portos italianos; póde comparar-se este *Sully* a uma ponte volante de tres arcos arremessada de Marselha até ao Vesuvio. Póde viajar na cama quem é sujeito a enjôo, doença que nunca matou a ninguem, doença que dá saude, e que o bom Mediterraneo offerece aos seus hospedes como um purgante natural.

Embarca-se a gente em son de festa, convez toldado, cabrestante enramalhetado, vela resplandecente de sol. Lembra aquella embarcação grega das *theorias*, quando se abalava do Pireu para Delos: resvala-se mar chão por entre duas cascatas de espumas; todos os semblantes vão contentes; de olhos no sol; de todas as boccas resoa: Italia!; tão visinha está ella, que a ninguem passam pela idéa abhorrimentos de viagem; de Marselha a Genova é atravessar o regato; não ha passeio de mais gosto.

Não quero que houvesse nunca peregrino d'estes que demandam a Italia, mais cordealmente abrazado do que eu n'aquella fervorosa devoção de artista, que nos resalta das possantes memorias de outro tempo.

A Italia que eu para mim ia ver, não era a dos outros: era a minha; a Italia da minha meninice, dos meus estudos, das minhas phantasias pelos dormitorios do collegio; a Italia de Menalcas e Palemon, de Niso e Euryalo; o Lacio de Jano, a terra de Lavinia; a Italia dos meus amores viris, a dos Antoninos, de Xisto V, de Leão X; a do Dante, de Giotto, de Miguel Angelo, de Raphael. A todos esses nomes, a todas essas impressões, a todos esses recordos, tinha eu consociado desde a primeira edade imagens, affeições, physionomias, côres locaes muito minhas, gravadas cá dentro, e de tão rija tempera que por mais relações de viajantes que depois lêsse, nem atomo se lhes mudára ou desluzíra. Pois olhem que não tinha lido poucas! Aguentei as de uns que se extasiam em estilo de neve, que depois lá requentam com pontos de admiração; e bem assim as d'ess'outros que para camparem de originaes viram do avesso os enthusiasmos dos seus predecessores, e põem pecha aos monumentos novos por não serem velhos, e aos velhos por não serem novos; e até umas certas que se intitulam *A Italia vista do lado peco*, onde seus autores abarrotam paginas e paginas a ver se se encherga n'uma estatua marmorea magnifica uma maculasinha microscopica. Ia pois entrar por Italia tão só com as minhas impressões pessoaes. Dera-m'as a historia da arte, que não os contos de viajeiros.

Finava-me por chegar a saber se me havia de des-

cartar de idolatrias antigas e confessar que fôra logrado como as crianças, ou confirmar-me para todo sempre n'um culto, que eu tinha entre mim como segunda religião.

Estava-me eu á poppa como Enêas n'aquelle proprio mar. Vinha caindo a noite; noite de fresquidão como as dá a primavera. Houve de me recolher para a camara sem vontade; mas repiques de alegria me ia dando na alma esta lembrança: que em tornando a subir para a tolda já havia de ver Italia.

Não houve pegar no somno. Baldadas algumas horas em diligencias para me adormecer, tornei-me para a minha proa. Que estrellejada e magnifica noite! tão achegada nos escorria a costa, que se iam differençando n'ella as aldeias, e o moldurado dos montes. O Sully levava-se como um passaro; parecia cascatearem-lhe das rodas estrellas derretidas em cachoeiras de espumas. Pelos ares nadavam umas fragrancias como só as ha por aquelle mar, por aquellas ribas, por aquelle ceo. Dei mate subito a devaneios, e disse *ex abrupto* para o capitão Arnaud que andava passeando pela tolda:

— « Onde estâmos nós? »

— « Costas de Italia » — me respondeu; — « aquella aldeia é Albenga. »

Nunca jámais nome de mulher muito querida me resoou suavissimo no ouvido como esta palavra melodiosa. Essa *Albenga*, proferida ás luminarias do ceo, na calada da noite, sobre a alcatifa estendida do mar, ás abas da Italia, reclinou-se-me na memoria do coração para toda a vida.

(*Continúa*).

JOGO DAS ESTATUAS ENCANTADAS.

Escolher-se-hão na sociedade duas damas para fadas: fada amiga, fada inimiga. Estas ficarão em pé no meio da sala, ou do jardim, tendo entre si a senhora ou homem a cujos destinos presidem.

A boa fada á mão direita, á esquerda a ruim. A pessoa que lhes vive sujeita, interrogada por cada uma d'ellas sobre qual é o seu desejo, lh'o declara ao ouvido, por modo que ninguem mais lh'o ouça. Este desejo deve ser tal, que no recinto se encontre com que o satisfazer; verbi gratia: que tal ou tal pessoa lhe ajoelhe aos pés; que lhe ponha uma flor na cabeça; que lhe traga um copo d'agua; que lhe accenda luzes diante; que lhe cante ou dance em roda, etc., etc., etc. Então a boa fada proclama:

Prehenchei o seu desejo,
Colhereis em premio um beijo:
Se lh'o não satisfazeis,
Em pedra vos mudareis.

Ao que logo a fada da esquerda, acode:

Quem eu tenho ao pé de mim,
Seja estatua e fique assim;
Até que este seu pedir
Alguem lh'o venha cumprir.

Os circunstantes commovidos do encantamento de uma pessoa tão cara, que de repente se tornou immovel, determinam pôr tudo por obra para lhe quebrar o fadario. A um e um se aproximam então á estatua, fazendo cada qual por seu turno, quanto lhe occorre para descobrir o segredo. A proporção que o generoso libertador, ou libertadora, se avisinha ao objecto, á posição, ou á acção requerida, a boa fada vae levantando as mãos e alegrando o rosto, desde o simples surriso até á gargalhada; e a tyranna, pelo contrario, vae pendendo os braços e carregando o semblante até ao choro; pantomimas que reciprocamente se invertem á medida que as diligencias totalmente desvairam, ou se affastam do seu alvo. Malogradas ellas, a um signal de qualquer das fadas, o soccorredor se desvia tristemente do grupo, e dando um gemido, se converte repentinamente em estatua. D'esta sorte progride a scena até que, desencantada a victima, esta dá o beijo promettido; e todos recobram o seu primittivo ser; ou se todos, até o ultimo, se houverem petrificado sem a desencantar, diz a primeira fada para a segunda:

Agora, que tudo é pedra,
Que faremos?

Ao que a segunda responde:

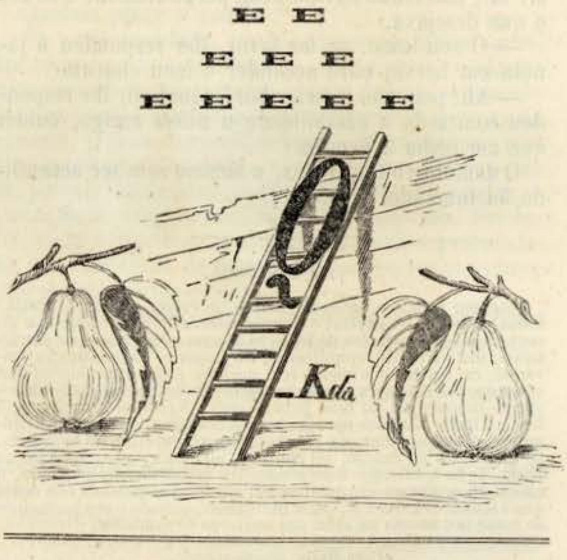
Façamos que as pedras dancem,
E dancemos.

O jogo se termina por uma contradança de estatuas, em que se não farão mais movimentos que os indispensaveis, podendo-se exigir prendas de todos aquelles que se desmandarem.

No numero 35 d'este jornal, na Fabula do sr. Corte Real « O relogio dos amantes » pag. 278, lin 29 — *Aquella* leia-se *Aquellas*. — Lin. 33 — *E momentos na eternidade* leia-se *Momentos na eternidade*.

Palavra do logogripho publicado no precedente numero — *Charadista*.

ENIGMA.



CALENDARIO PAGAO ROMANO, E CHRISTÃO PORTUGUEZ, PARA A SEMANA QUE DÁ PRINCIPIO EM 17 DE JULHO.

ROMANO.	PORTUGUEZ.
17 de julho (XVI das Calendas de agosto) Dia funesto da batalha de Allia.	Anjo Custodio do Reino. Santo Aleixo. Festa e procissão no Sacramento.
18 de julho (XV das Calendas de agosto) Lucarias, jogos por quatro dias.	Santa Marinha V. M. O Bemaventurado Simão de Lipnica, F. S. Frederico B. M. O B. Gaspar Bom.
19 de julho (XIV das Calendas de agosto) Jogos a Cesar vencedor.	Santas Justa e Rufina. MM. S. Vicente de Paulo. O B. João de Dukla, F. Festa e lausperenne na freguezia de Santa Justa,
20 de julho (XIII das Calendas de agosto) Lucarias, e jogos franciscos.	S. Jeronymo Emiliano. S. Elias, propheta. S. Margarida V. M.
21 de julho (XII das Calendas de agosto) Creação do mundo.	S. Praxedes V. Faz annos a Ser. Senhora Infanta D. Maria Anna, pequena gala.
22 de julho (XI das Calendas de agosto) Jogos neptunalicos	Santa Maria Magdalena. Festa e lausperenne na sua freguezia. Começa a novena de Santa Anna.
23 de julho (X das Calendas de agosto).	Jejum. S. Apollinario B. M. S. Liborio, B. A B. Joanna Vanna, V. D. Faz annos o Ser. Senhor Infante D. Fernando. Pequena gala.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 17